



Fisiologia Vocal da Transexual

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL

SUBÁREA OU SIMPÓSIO: Música, gênero, corpos e sexualidades: processos, métodos e práticas de produção sonora dos artivismos feministas decoloniais

Dr. João Gustavo Kienen

Universidade Federal do Amazonas – gustavokienen@ufam.edu.br

Jully Vidal Guimarães Silva

Universidade Federal do Amazonas - jully__vidal@outlook.com

Resumo. A voz é um elemento da identidade humana, sua multiplicidade tem sido vista nos mais diferentes povos, culturas, estilos musicais entre outras formas de expressão, mas por que dentro do cenário acadêmico-científico musical se vê tão pouco referente a isso? Além disso, a voz da pessoa transexual nos leva a uma reflexão além da multiplicidade vocal, trazendo à tona problemas em nossa sociedade e por consequência no cenário musical. Esta pesquisa, propõe uma revisão bibliográfica do que tem sido feito, os métodos criados, os estudos filosóficos, sociais, além de estudos de caso por professores que tiveram contato com essa realidade e sobre quais caminhos possíveis para a educação musical do canto para essa demanda.

Palavras-chave. Voz transexual. Canto identitário. Técnica vocal.

Transsexual Voice Physiology

Abstract. The voice is an element of human identity, its multiplicity has been seen in the most different peoples, cultures, musical styles among other forms of expression, but why do you see so little about it within the academic-scientific musical-scenario. Besides, the voice of the transsexual person leads us to a reflection beyond the vocal multiplicity, bringing up problems in our society and consequently in the music scene. This research proposes a bibliographic review of what has been done, the methods created, the philosophical and social studies and also studies of case by teachers who had contact with this reality and about which possible paths for singing musical education for this demand.

Keywords. Transsexual voice; Identity singing; Vocal technique

1. Introdução

Minorias emergem na história do tempo presente, ocupam espaços onde outrora eram transparentes. Em uma linda e iluminada tarde amazônica no Programa de extensão Universitária “Coro Universitário” todos os estagiários estavam envolvidos em conhecer os novos participantes do Coro naquele semestre. Quando um dos discentes do curso de música da UFAM detecta a presença de uma mulher cantando na extensão tenor.

Maria do Rio é uma *yaras amazônica* que impacta e revoluciona por onde passa, ela nos instigou, provocou e, por fim, escolheu cantar no naipe tenor. Essa mulher trans nos revelou a enorme lacuna da educação musical, dos estudos sobre voz e do enorme silenciamento da voz da mulher trans.

2. Fundamentação teórica multidisciplinar

No artigo *Regulações de Gênero* (BUTLER, 2016) a autora explicita a relação entre as construções sociais ou normas sociais e como estas afetam a percepção sobre os gêneros. Em *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão de identidade* (BUTLER, 2003) as questões de identidade de gênero, a separação entre sexo e fatores biológicos, e a extensa possibilidade que os gêneros humanos carregam.

A obra de Mara Behlau, *Voz: O livro do especialista* (2005), *Conceito de voz normal e voz disfônica* (BEHLAU, AZEVEDO, PONTES, 2001) referenciam perspectiva da área da saúde sobre o que é a normalidade vocal, e como não só os aspectos fisiológicos, mas, aspectos sociais influenciam na construção da voz de um indivíduo postulando um olhar clínico do atendimento ao paciente que o respeita, considerando seu interesse vocal. Em *Disfonias endócrinas* (BEHLAU, REHDER, VALENTE, 2005) é importante destacar as influências dos hormônios, em especial o grupo das testosteronas.

Em *A relação entre a voz e expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais* de Alana Dantas Barros (2017), ressalta a voz como elemento importante na percepção do gênero indentitário das pessoas transexuais.

Lorena Drumond (2009) traz à discussão o respeito à voz na sociedade e corrobora na construção do respeito a voz das mulheres transexuais, contextualizando os motivos para a readequação vocal e trazendo à tona os procedimentos cirúrgicos e as necessidades terapêuticas no pós operatório.

Daiane Dordete Steckert Jacobs (2017), em *Corpo Vocal, Gênero e Performance*, aborda a questão de gênero e uso da voz nas artes cênicas, a autora apresenta nova perspectiva aos trabalhos clássicos, os adequando ao público trans e para as artes cênicas.

Acerca dos dados da tireoplastia tipo IV, utilizamos a *Entrevista sobre Tireoplastias com o Prof. dr. Domingos Tsuji* da Academia Brasileira de Laringologia e Voz (2011).

No aspecto pedagógico da pesquisa, contamos com o artigo *Teaching transgender singers. Part 1 – The Voice Teachers’ Perspectives* (2017), em especial na voz de Michael Chipman e Caitlin Stave com seus relatos de experiência com alunos transexuais, discorrendo sobre a escolha de repertório e técnica que atenda a saúde vocal contemplando o atendimento ao desejo/gosto vocal do aluno.

No *site* de Eli Conley, homem transexual e professor de canto que se dedicou a construir em sua comunidade um ambiente de diversidade e segurança para pessoas LGBT+,

propondo aos colegas professores que desejam, assim como ele, tornar o ambiente musical mais inclusivo.

Sobre as técnicas vocais, utilizamos de apoio para traçar um entendimento histórico e atual do cenário de pesquisa e estudos sobre a técnica no canto. O trabalho de Adriana Cardoso (2017) traça uma linha do tempo da construção da técnica vocal desde o século XVI até os dias atuais com destaque para técnica do teatro musical, *Belting*.

A dissertação de Carlos Eduardo Nascimento (2016), trata das diferenças entre o canto lírico e o canto popular. Marcelo Matias Elme (2015), Sebastiana Benedita Couteiro (2012) exibem em seus artigos estudo técnico e formal na música popular, possibilidades e limites, e os avanços metodológicos.

Luciano Simões e Marta Herr (2016) trazem ao cenário do canto no teatro musical, construindo uma linha do tempo do surgimento da técnica *belting*, sua aplicabilidade no teatro musical, conceitos, problemas e histórico da técnica diante dos preconceitos com essa forma de canto.

Sobre o desenvolvimento técnico e construção de vozes agudas, o artigo de Alessandro Meireles (2015) apresenta como as vozes utilizadas no *heavy metal* usam uma forma de cantar “diferente”, utilizando principalmente agudos por vozes masculinas, desmistificando respeito da saúde vocal dessa técnica. Mauro Fiuza e Marta Silva (2018) completam esse raciocínio mostrando que o “rasgar a voz” não necessariamente é uma forma de canto perigosa e feita intuitivamente, eles nos apresentam o conceito de DVIs¹, distorções na voz que são executadas nos mais diferentes estilos e em diversos períodos históricos.

Catherine Sadolin traz esse conceito de DVIs para um novo patamar, criando um dos primeiros métodos no estudo dessas técnicas que são utilizadas principalmente no cenário popular, em seu livro *Complete Vocal Technique* (2012), explica a aplicabilidade de cada técnica, propõe exercícios que exemplificamos no projeto e além disso, contribui com um novo olhar sobre a capacidade vocal humana.

3. O Gênero e o Sexo

Para discutir a voz da pessoa transexual, é importante compreender as questões de gênero e em como o social e o cultural moldam o indivíduo de forma geral. Os próprios indivíduos de uma sociedade contribuem na formação do pensamento coletivo, consolidam ou não, os comportamentos ao longo de gerações. Como afirma BUTTLER (2003, p.264) a respeito das normas sociais “A norma é uma medida e um meio de produzir um padrão comum,

¹ Distorções vocais internacionais, popularmente conhecido como *drivers* vocais. Por exemplo: Janis Joplin, Fred Mercury utilizaram estas distorções vocais em suas performances.

e tornar-se um exemplo da norma não é esgotar a norma, mas é tornar-se sujeito a uma abstração do senso comum.”.

A emissão vocal, não é dado resultante, meramente de condição anatômico-neurofisiológico, ela depende de condições muito mais holísticas. Gradientes constitutivos que agregam questões emocionais, afetivas, identitárias, espirituais, flexões culturais, dados individuais, é resultado de um corpo que é construído, o que difere de um corpo apenas biológico. O conjunto resulta na qualidade vocal² como característica da voz.

A problemática é o ideal estereotipado de padrões vocais e gênero, consolidado na concepção binomial oriunda do patriarcado machista. Não pode ser correto nomear, por exemplo, num ensaio de coral, como feminino os naipes de soprano e contralto. Essa concepção binomial é excludente, desrespeitosa e equivocada. O pitch vocal não pode ser determinante de gênero.

[...] a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. (BUTLER, 2003, Pag. 24)

4. O que é a voz “normal”?

O constructo social influencia a formação da voz identitária dos indivíduos que a compõem, vamos partir deste pressuposto analisar o que é a normalidade vocal na perspectiva da fonoaudiologia. BEHLAU (2001, p.64) afirma:

Embora a fonação seja uma função neurofisiológica inata, a voz desenvolve-se num paralelismo com o desenvolvimento orgânico do indivíduo [...] Por sua vez, a formação psicológica do indivíduo também se expressa na voz, constituindo-se em uma das extensões mais fortes da personalidade. Assim sendo, a voz é uma manifestação com base psicológica, mas de sofisticado processamento muscular.

Podemos pensar a partir disso na fluidez de gênero, as expectativas sociais e pessoais em relação ao sexo e ao gênero identificados serão exigidas e/ou escolhidas e/ou construídas e isso fará com que a pessoa em questão opte por buscar uma voz o mais próximo da normalidade e/ou do seu ideal e desejo de “normalidade” e conforto para com o seu gênero, seja mais aproximado ou distanciado das outras características que lhe compõem.

É nos encontros e interações sociais que quem fala move seu corpo e seu aparelho fonador de formas específicas para sincronizar sua expressão de gênero de acordo como se identifica e o ouvinte por sua vez interpreta esta expressão vocal atribuindo-lhe um gênero (AZUL, 2015 *apud* BARROS, 2017, p.18).

² Qualidade vocal é o termo atualmente empregado para designar o conjunto de características que identificam uma voz humana. Ela se relaciona à composição dos harmônicos da onda sonora, à impressão total criada por uma voz. Era anteriormente chamada de timbre, mas hoje este vocábulo está tendo seu uso limitado apenas aos instrumentos musicais. (Behlau e Ziemer, 1988, p. 74 *apud* JACOBS, 2017, p.8)

Essa adequação vocal resulta no chamado “gênero vocal” que de acordo com AZUL (2015 *apud* BARROS, 2017, p.18) o gênero vocal, é uma repetição incessante de performance na interação social e que pode ter significados diversos dependendo da pessoa, contextos sociais e culturais ao qual essas vivem.

Os ouvintes por sua vez irão inconscientemente buscar os padrões vocais que estão em vigor para determinar por si o sexo (muitas vezes ignorando o gênero) do interlocutor. Algumas pesquisas da área da fonoaudiologia (BEHLAU, 2005, p.66) constam a respeito da percepção do ouvinte e a medida em Hz³ para a percepção do sexo de quem fala, mas esse tipo de estudo acaba por ser controverso quando se considera que o conceito de normalidade da voz está ligado às normas sociais e que por tanto, estão sujeitas a receber juízos de valor.

BEHLAU (2001, p.65) aconselha substituir o termo “voz normal” por “voz adaptada”, o que seria uma produção vocal socialmente aceita, onde:

A voz deve ser produzida pelo falante, de modo adaptado, sem esforço adicional e com conforto, identificando corretamente o sexo e a faixa etária a que pertence; por outro lado, a voz deve ser adaptada ao grupo social, profissional e cultural do indivíduo, o que é definido pelos ouvintes, por um consenso não necessariamente consciente.

BEHLAU (2001, p.66) ainda discute a respeito da voz profissional, deixando claro que o termo “voz adaptada” seja substituído então por “voz preferida”, pois que contempla não apenas questões culturais, mas também de modismos. Então cita o exemplo da voz preferida para a ópera “de qualidade clara e com vibrato moderado”. E ainda, apesar da dificuldade em definir o que é a voz normal, é importante que o clínico a serviço do paciente considere seus valores e demanda vocal, visando a qualidade de vida.

E além disso, numa perspectiva de que a expressão de gênero através da voz não necessariamente deve ser enquadrada nos padrões sociais de vozes caracterizadas como masculinas ou femininas, mas sobretudo numa voz confortável e com a qual as pessoas se reconheçam. (BARROS, 2017, p.19)

5. Fisiologia Vocal – Alterações hormonais e cirúrgicas

É perceptível que existem mais trabalhos a respeito da voz da mulher transexual e poucos a respeito dos homens transexuais. Concluiu-se até dado momento que isso se dá por conta da construção fisiológica e biológica do corpo sexual masculino e feminino. Principalmente quanto às mudanças consequentes do período da puberdade, onde as alterações hormonais alteram significativamente o trato vocal do menino para o adulto.

No sexo masculino, a testosterona, principal andrógeno, faz com que a cartilagem da laringe aumente o que ocasiona o abaixamento da frequência fundamental da voz deixando-a mais grave e o registro predominante passa a ser o de peito. Já no sexo feminino, com o

³ Unidade de medida da frequência das ondas sonoras.

hormônio estrógeno, a muda vocal não é tão marcada na frequência fundamental, ocorrem mudanças de ressonância e das frequências dos formantes das vogais (BEHLAU, *et al*, 2005, p.55).

A transição vocal nos homens transexuais é realizada completamente através dos andrógenos, ocorrendo semelhante ao efeito de puberdade que os indivíduos do sexo masculino passam, justamente porque o corpo feminino não sofre essas alterações significativas, onde a voz da infância (9 anos, F0 média de 245Hz) para adolescência (15 anos, F0 média de 227Hz) e para a adulta (18 a 45 anos, F0 média de 231Hz) (BEHLAU, *et al* 2005, p. 60) tem apenas uma leve variação de frequência. Lembrando que, quando crianças antes do processo de puberdade, pessoas do sexo feminino e masculino tem a voz semelhante.

Com o uso dos andrógenos, as pessoas de sexo feminino tendem a ter insegurança na voz, instabilidade vocal com quebras de frequência, qualidade vocal alterada, dificuldade em gritar, perda de notas agudas, perda de potência vocal, fadiga e redução na frequência fundamental (Baker, 1999, *apud* Behlau, 2005, p.67). Também consta que pode haver picos de alteração entre os registros de peito (característico na voz masculina) e de cabeça (característico na voz feminina).

As alterações são consideradas irreversíveis e acredita-se que, na verdade, não ocorre um alongamento da prega vocal em si, mas um aumento nas propriedades de extensibilidade das pregas vocais devido às mudanças nos tecidos conectivos (DAMSTÉ, 1964 *apud* BEHLAU, 2005, p.68)

Os efeitos dos esteroides na qualidade vocal masculina não são tão evidentes, algumas pessoas podem ter uma redução acentuada da frequência, porém:

Günzburger (1995), Bergel (1999) e Vasconcellos e Gusmão (2001) afirmam que as características vocais dos transexuais masculinos são resistentes a mudanças convincentes apenas com a ingestão de hormônios femininos, embora sejam importantes para a feminilização do corpo. (DRUMOND, 2009, p.2)

Muitas mulheres transexuais recorrem à intervenção cirúrgica conhecida como tireoplastia que faz com que a frequência vocal fique mais aguda, é o procedimento mais utilizado atualmente e possui alto índice de sucesso, apesar de ainda oferecer riscos.

A aproximação cricotireóidea ou tensão (tireoplastia tipo IV) é uma técnica de aumento da frequência vocal desenvolvida por Dr. Nobuhiko Isshiki, onde as cartilagens cricóides e tireóideas serão aproximadas, ou seja, o procedimento fará com que a extensão vibratória das pregas vocais seja reduzida.

Em todo o processo é importante o acompanhamento de equipe multidisciplinar com presença de profissional da fonoaudiologia para readequação no uso da voz falada e para monitoramento nos ganhos de semitons.

Elementos focais do serviço de fonoaudiologia envolvem a questão de ressonância, modulação, maneirismos, vocabulário, variação melódica entre outros fatores passíveis de alteração.

Professor Dr. Domingos Tsuji em entrevista para a ABLV em (2011), falou sobre os resultados a longo prazo da cirurgia de tireoplastia tipo IV “Dentro da nossa pequena experiência, cerca de 50% mantêm o bom resultado obtido inicialmente, outros 50% referem perda da voz aguda obtida inicialmente, ou seja, parece haver uma reversão espontânea da cirurgia.”

Apesar de ser uma solução aparentemente eficaz para as mulheres transexuais, as cirurgias não necessariamente são os únicos métodos para que estas mulheres alcancem o padrão vocal ao qual se identificam e, além disso, são consideradas como um último recurso. A busca pela terapia vocal dentro da fonoaudiologia não precisa vir apenas como uma terapia pós-cirúrgica, por exemplo. E dentro de outras atividades como teatro, teatro musical e na música, várias técnicas vocais vem se desenvolvendo ao longo dos anos voltadas as mais diversas aplicações dentro dessas expressões artísticas.

6. Conclusão

A desconstrução de gênero é um assunto cada vez mais emergente e visível na sociedade plural, os direitos devem se estender ao conhecimento das diversas possibilidades e fisiologias vocais. Com este trabalho mostramos alguns caminhos rumo ao direito das mulheres transexuais de optar pela voz que lhe faz mais feliz. Sim, a voz pode ser construída, escolhida.

No cenário da educação musical, das práticas musicais, as mulheres transexuais são habitualmente negligenciadas, silenciadas. Esse silenciamento que é tão opressor e maldoso, são muitas mulheres trans que sentem os olhares de estranhamento e rejeição quando se manifestam com a voz falada ou cantada.

É luta pelo direito a uma voz que a única pessoa a escolher é ela mesma, se ela quer ser tenor, contralto ou soprano. Ela que tem o poder de decidir e se empoderar com essa escolha também.

Nessa perspectiva a busca de caminhos e alternativas é multidisciplinar, é múltiplo, e fixado na equidade. As possibilidades técnicas, apesar de serem recentes os estudos, são um começo para a exploração e desconstrução do binomial na música. É um caminho rumo a subversão das tradições do antigo sistema de valores e rotulagem das pessoas e suas vozes, assim como os modos de fazer e ensinar. Viva a voz para todxs!

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Regulações de Gênero*. Cadernos Pagu, n. 42, p. 249-274, 15 abr. 2016.
- BEHLAU, Mara. AZEVEDO, Renata. PONTES, Paulo. *Conceito de voz normal e classificação das disfonias*. Cap. 2, pag 53. In: BEHLAU, Mara S. *Voz: O livro do especialista – Volume 1*, Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
- BEHLAU, Mara. REHDER, Maria. VALENTE, Orsine. *Disfonias endócrinas*. Cap. 7, pag 51 – 78. In: BEHLAU, Mara S. *Voz: O livro do especialista – Volume 2*, Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- BARROS, Alana Dantas. *A relação entre a voz e expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais*. 2017. 84 f., il. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/31164>>
- CONLEY, Eli. *Creating Gender Liberatory Singing Spaces: A Transgender Voice Teacher's Recommendations For Working With Transgender Singers*. Berkeley, CA. 2017. Disponível em: <<https://www.eliconley.com/blog/creating-gender-liberatory-singing-spaces-a-transgender-voice-teachers-recommendations-for-working-with-transgender-singers>>
- CARDOSO, Adriana Barea. *Os desafios do canto belting no teatro musical no Brasil*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de artes. Campinas - SP. 2017.
- COUTEIRO, Sebastiana Benedita. *O ensino do canto popular brasileiro, abordagem didática: técnica vocal e performance*. Escola de música e artes cênicas da universidade federal de Goiás. Goiânia, 2012.
- DRUMOND, Lorena Badaró. *Fonoaudiologia e transgenitalização: a voz no processo de reelaboração da identidade social do transexual*. Espírito Santo, 2009. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/index.php?option=com_content&task=view&id=350&Itemid=96>
- Entrevista Sobre Tireoplastias Com O Prof. Domingos Tsuji, 2011. Academia Brasileira de Laringologia e Voz. Disponível em: http://www.ablv.com.br/secao_detalhes.asp?s=18&id=61
- ELME, Marcelo Matias. *As técnicas vocais no canto popular brasileiro: processos de aprendizagem informal e formalização do ensino*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas Instituto de Artes – Unicamp. Campinas - SP, 2015.
- FIUZA, Mauro; SILVA, Marta. *Cantar “rasgando a voz” pode ser uma prática saudável?* PUC-SP Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018
- JACOBS, Daiane Dordete Steckert. *Corpo Vocal, Gênero e Performance*. Revista Brasileira de Estudos da Presença, vol. 7, núm. 2, 2017 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=463551072001>
- MEIRELES, Alexsandro Rodrigo; CAVALCANTE, Frederico Grama. *Qualidade vocal no estilo de canto heavy metal*. Per Musi. Belo Horizonte, n.32, 2015, p.197-218.
- NASCIMENTO, Carlos Eduardo. *O cantor crossover: Um estudo sobre a versatilidade vocal e algumas diferenças básicas entre o canto erudito e popular*. Dissertação (Mestrado). Universidade estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2016.

SILVA, Luciano Simões. HERR, Martha. *A técnica Belting para vozes masculinas: bases fisiológicas e pedagógicas para o canto em língua portuguesa no teatro musical norte-americano produzido no Brasil*. UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2016.

SADOLIN, Catherine. *Complete Vocal Technique*. CVI Publications, Dinamarca - Copenhage, 2012.